

4 de março de 2002

Resposta de Laird W. Bergad a revisão do seu livro, *Slavery and the Demographic History of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888* (Cambridge University Press, 1999) por Douglas Libby

Na revisão de meu livro *Slavery and the Demographic History of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888* (*American Historical Review* 107:1 (2002) pp. 258-9) Douglas Libby afirma que há falhas sérias nos argumentos básicos e metodologias usadas no livro. Ele insiste que eu ignoro variações regionais na demografia da escravidão, apesar das análises textuais prolongadas de numerosas tabelas estatísticas e figuras que documentam mudanças em economias locais e nas características demográficas dos escravos e populações livres durante os séculos XVIII e XIX.

Libby observa que o livro perde em originalidade. A apresentação de uma análise minuciosa do maior banco de dados de escravos jamais construída para as Américas que consiste em detalhados dados demográficos de mais de 110.000 escravos derivados completamente de fontes manuscritas foi aparentemente ignorada. Este banco de dados foi construído precisamente de fontes de arquivo em três áreas geográficas e socioeconômicas distintas por causa dos debates acadêmicos sobre a demografia histórica da escravidão do ponto de vista regional na literatura existente. Adicionalmente, o livro apresenta e analisa uma série inteira de novos dados econômicos extraídos de fontes de arquivos manuscritos jamais examinadas ou apresentadas por historiadores.

As falhas supostas em meus argumentos e metodologias parecem revolver ao redor da insistência de Libby que as listas nominativas de 1831-2 demonstram resultados diferentes na porcentagem de africanos encontrados na população de escravos de exatamente UM distrito de Minas. O exemplo dado são os dados de 1831 para Diamantina, (administrativamente diferente de, e não, o Distrito Diamantino como Libby declara), que indicam que 51% de todos os escravos eram de origem africana, comparados com meus dados que revelam, segundo Libby, que 37,5% de todos os escravos eram africanos entre 1830-34.

Primeiro, este 51% dos escravos de origem africana em Diamantina foi derivada da tese doutoral de Clotilde Paiva "População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX" (1996 Universidade de São Paulo) -- página 210, apêndice 2, tabela 1 -- que está baseado nas listas nominativas para 1831. Paiva computarizou estes materiais e gentilmente me cedeu os arquivos de dados crus. Nesta tabela estatística Paiva enfaticamente indica que a amostra para Diamantina estava baseada em 2.757 escravos e aqueles dados para 6.381 escravos, ou 67% de todos os escravos, estavam desconhecidos. Libby esqueceu de mencionar este fato. Conclusões no comércio de escravo africano para Minas baseado em uma amostra de dados incompletos em menos de 3.000 escravos em somente um local em um ano, são questionáveis.

Segundo, Libby não leva em conta a estrutura de idade da amostra. Se os africanos fossem mais velhos, eles teriam sido importados em um período prévio. Terceiro, existem sérios problemas com a codificação dos dados de 1831, os quais eu cuidadosamente analisei separadamente. Não é certo se a palavra *preto* foi usada na realidade para 'africano.' Se era, os dados de origem africanos são completamente errôneos desde que cor e origem não são sinônimos. Também deveria ser notado que só 5% da população total de escravos de Minas Gerais viveram na Comarca do Serro onde Diamantina fica situada, de acordo com o censo do 1833, também computarizado e fornecido por Paiva.

Com respeito aos dados apresentados por mim, Libby leu a tabela errada (D.4). Os dados derivados dos inventários para Diamantina (Tabela D.3) indicam uma relação constantemente em declínio dos escravos nascidos na África para escravos nascidos no Brasil. Na década de 1790 89% de todos os escravos na amostra eram de origem Africana, quando na década de 1830 a porcentagem deles/delas tinha caído dramaticamente para 34% (não 37,5%).

Libby escolheu um só dado estático altamente questionável como a evidência exclusiva para minhas supostas falhas argumentativas e metodológicas. Ele não considerou outros dados críticos na demografia de escravidão nesta região, e ao longo do resto da província, especialmente a população dramaticamente crescente de crianças jovens e o declínio constante na relação de masculinidade. Eu poderia adicionar que as dimensões e cronometragem do comércio de escravos em pequena escala para Diamantina, especificamente são discutidos no texto (pág. 112-3).

Nesta consideração menciona Libby, sem documentar isto, uma fonte que indica que 45% de africanos exportados do Rio entre 1818 e 1831 foi para Minas Gerais. Até mesmo se verdadeiro, isto podem ser completamente sem sentido dependendo do volume do comércio. Indiferentemente, eu indico enfaticamente no livro (páginas 144-6), um comércio em pequena escala de escravos africanos para Minas durante a década de 1820. Porém, isto foi estatisticamente apagado pelos número de escravos nascidos na província.

Finalmente, Libby me acusa de uma falta de atenção para fontes desde que para ele eu não extraí suficiente informação em mais de 10.000 inventários examinados. Na realidade, como eu faço muito claro na introdução, minha intenção era focalizar em variáveis específicas nas fontes volumosas consultadas, e omitir uma série inteira de assuntos, temas, e dados deste estudo. Eu indiquei claramente o que este livro tinha a intenção de fazer, e os tópicos abrangidos e não abrangidos. Em lugar de reconhecer isto, Libby escolheu fazer reivindicações insubstanciadas, como também distorção do material apresentado dentro, e até mesmo fóra, do livro.

Nada disto me surpreende. A revisão de Libby é dirigida por hostilidade pessoal resultado de minha presença como um Fulbright Fellow na Universidade Federal de Minas Gerais em 1992, onde Libby trabalha, e quando eu comecei a pesquisa deste livro. Libby iria originalmente participar neste projeto que eu planejei sozinho. Mas ele não fez absolutamente nada nos cinco meses em que eu estive lá trabalhando diariamente em arquivos ao longo de Minas Gerais. Ele subseqüentemente deixou o projeto formalmente, e me informou que iria fazer o seu próprio projeto. Isto, me chocou por abertamente plagiar a metodologia que eu desenvolvi por trabalhar com estas fontes, e até mesmo a maneira de recolher e computarizar os dados que eu compartilhei com êle antes da minha partida do Brasil em 1992. Isto resultou em uma feia confrontação pelo correio no qual eu fiz bastante claro que não toleraria este tipo de comportamento profissional anti-ético. Esta correspondência que eu preservei está disponível, a pedido, a quem interessar.

Laird W. Bergad
Professor, Ph.D. Program in History
Director, Center for Latin American, Caribbean, and Latino Studies

The Graduate Center
City University of New York
365 Fifth Ave.
New York, New York 10016

212-817-8465
lbergad@gc.cuny.edu
<http://web.gc.cuny.edu/lastudies>